

1

INTRODUÇÃO

Esta dissertação reúne um extenso levantamento sobre a imagem gráfica no telejornalismo televisivo; provavelmente, um dos poucos deste gênero já realizados no país. A presente pesquisa está centrada no que se considera a principal expressão gráfica do jornal mais assistido e respeitado da televisão brasileira: os selos do *Jornal Nacional*. Selos são imagens gráficas colocadas atrás ou ao lado do âncora do telejornal, representando o assunto que está sendo tratado.

Durante todo o tempo que envolveu a presente pesquisa sobre os selos do *Jornal Nacional*, todas as vezes em que o tema do estudo era abordado, acabávamos discorrendo por alguns minutos frente a permanência da expressão interrogativa do interlocutor. Definitivamente, esta pesquisa não poderia ser definida em poucas palavras. A começar pelo próprio nome: selo - cuja associação imediata remete às estampas postais, aos carimbos e sinais, mas dificilmente às imagens gráficas utilizadas nos cenários dos telejornais. No entanto, há mais de vinte anos atrás, os selos chamaram à atenção da autora desta pesquisa pela primeira vez, quando pode observar que a ilustração, que sempre era colocada em um retângulo ao lado do apresentador, havia se expandido e passado a ocupar a tela inteira. Neste momento, aquelas imagens gráficas criadas para veicular um conteúdo informativo, mostraram-se arrebatadoras, capazes de transmitir além do seu conteúdo. Já, então, estas imagens sugeriam uma forma de design que não era observada como tal, embora tivesse um nome específico, desconhecido para a maioria dos telespectadores.

Como todo ramo de atividade, a televisão tem seus termos técnicos e jargões. Apesar de ser compartilhada diariamente por milhões de pessoas, a televisão continua a preservar os seus bastidores com uma certa aura de mistério. Quando a questão se refere ao design gráfico para a televisão, observa-se ainda a ausência de um conhecimento organizado. Em outras palavras, inexitem pesquisas, livros e publicações dirigidas à produção gráfica para televisão. Deste modo, a escolha dos selos do *Jornal Nacional* como objeto de pesquisa mostrou-se uma opção extraordinariamente oportuna. Os selos são produtos gráficos que apresentam sofisticação de produção através

de uma exibição contínua ao longo de mais de vinte anos, somando uma preocupação fortemente estética à funcionalidade informativa, o que possibilitou um estudo cuidadoso no campo do design.

Na sua prática profissional, junto à televisão, ao longo dos últimos quatorze anos, a autora pode colaborar na criação e execução de diversos elementos gráficos atuantes no jornalismo. Neste contexto, duas coisas sempre chamaram à atenção. Em primeiro lugar, a existência de uma crença no fato de que televisão se aprende fazendo. Este pensamento talvez refletisse a realidade dos primeiros anos de existência desta mídia. Quem poderia pensar em “estudar televisão” há quarenta anos atrás? Atualmente, este raciocínio apenas reforça a importância da prática. A formação profissional é considerada muito importante, mas as “manhas” e o ritmo do trabalho acabam sendo aprendidos na prática. A segunda coisa, que se destaca, é a velocidade com que as criações são executadas, veiculadas e descartadas. O que foi produzido e levado ao ar ontem permaneceu no ontem e amanhã, talvez, nem mesmo os seus criadores venham a se lembrar do que passou. Em outras palavras, a efemeridade de projeção da imagem televisiva dificulta, de alguma maneira, a organização da memória da televisão, que parece se esvanecer no *off* do controle remoto.

Assim, a possibilidade de realização desta pesquisa, somando teoria à prática profissional, apresentou-se como um desafio e uma oportunidade para produzir uma maior conscientização em relação ao trabalho de design realizado para televisão. O vínculo profissional junto a maior rede de televisão brasileira, propiciou acesso a conhecimentos e material de arquivo que nunca haviam sido consultados anteriormente com finalidade acadêmica.

Neste contexto, várias questões foram se colocando ao longo da pesquisa. Será que além da função estética, poderia atribuir-se outras funções aos selos? O tratamento que os meios de comunicação de massa dispensam aos temas sociais podem ser pensados através da forma como estes foram representados nos selos do *Jornal Nacional*? Um único ponto parecia permanecer fora de questão: o fato de que uma análise temática dos selos do *Jornal Nacional* iria expor fenômenos sociais marcantes de cada época e sua representação nos meios de comunicação de massa, na medida em que os *selos* podem ser considerados interpretações sintéticas destes fenômenos. Além disso, um levantamento cronológico dos selos necessariamente sugeriria uma trajetória estilística e tecnológica.

Estas questões sugeriam uma contradição. Como os selos, que essencialmente são efêmeros, na medida em que podem ser vistos no ar por apenas alguns segundos, poderiam ser utilizados para o esboço de um traço histórico? Em um artigo que acabou sendo publicado postumamente em 1869, o poeta Baudelaire declarava sua admiração pelo pintor da vida moderna, “o pintor do circunstancial e de tudo o que este sugere de eterno” (1996:13). Baudelaire tinha em mente o desenhista e gravador Constantin Guys (1805-1892), que durante um certo tempo fora correspondente de um jornal inglês onde publicava gravuras a partir dos seus croquis de viagem. O poeta conta que a partir dos desenhos de Guys, pode *ler* (expressão literal e grifada pelo autor) a melhor crônica da campanha da Criméia (1996:16). Baudelaire conseguia *ler* a guerra a partir dos desenhos de Guys. Um século mais tarde, Roland Barthes afirmava: “Eu leio textos, imagens, cidades, rostos, gestos, cenas etc.” Barthes desejava ler tudo como um texto assim como, antes dele, Walter Benjamin quis “ler o real como um texto”. Por que, então, não buscar *ler* as histórias que os selos têm para contar? Toda imagem conta, pelo menos, uma história (Burke, 2001:140) e aqui se contará a história de algumas imagens.

Com o objetivo de estabelecer uma observação atenta às formas encontradas nos selos, optou-se por empreender a análise sobre imagens paradas, apesar da presença do movimento em alguns selos. Deste modo, trabalhou-se sobre as imagens digitalizadas, descartando-se, também para critérios de estudo, a narração dos apresentadores.

Na busca pela construção de uma lente para olhar e analisar os selos, buscou-se apoio teórico em autores de diversas áreas. Da semiótica foram utilizados os textos de Santaella e Nöth; da história da arte, Erwin Panofsky; da teoria da recepção, Stuart Hall e Jesús Martin-Barbero, dentre outros. Alguns conceitos da teoria da *Gestalt* também foram consultados. Mas, fundamentalmente, trabalhou-se sobre alguns textos de Roland Barthes que proporcionaram um forte embasamento teórico. Acreditamos que, o fato do design não ser fundamentado por um conjunto de teorias fechadas possibilita a abertura de um amplo leque de disciplinas na análise de um objeto. De certa forma, foi o que se empreendeu aqui. No entanto, o que poderia sugerir uma mistura de conceitos advindos de áreas diferentes, reflete a montagem de um quadro teórico que poderá ser disponibilizado na análises de outros objetos gráficos. A consideração é que o presente trabalho, embora consista em um estudo específico, não oferece um resultado limitador.

Este trabalho apresenta-se dividido em quatro capítulos. O que segue esta introdução procura expor um histórico da televisão e do telejornalismo no Brasil, tendo sido desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, utilizando publicações recentes da área. O trecho final deste capítulo introduz as primeiras questões relativas ao grafismo televisual, apontando as principais características do grafismo desenvolvido para telejornalismo.

O capítulo três objetiva contextualizar os selos dentro do telejornalismo. Para tanto descrevemos como a notícia é estruturada para ser exibida no telejornal; apontamos os formatos em que a informação é organizada e exibida. Neste capítulo apresentamos, ainda, os diversos tipos de selos e a forma como a pesquisa foi realizada, inclusive explicando a sistemática utilizada no recolhimento das amostras e o levantamento temático obtido.

O quarto capítulo, chamado de *A gramática do selo*, examina a imagem a partir de fatores como funções, tempo, relações entre imagens e palavras, cor, enquadramento etc. A atuação de cada componente é exemplificada através de amostras de selos de diversos períodos. O capítulo se conclui com a classificação dos selos em cinco estilos gráficos relacionados à produção e as técnicas empregadas na sua exibição.

O quinto e último capítulo busca ir além dos selos. Partindo da existência de três níveis de leitura das obras de arte, de três níveis de sentido da linguagem e de alguns fundamentos da Teoria da Recepção, foram analisados os seguintes grupos temáticos: imposto de renda, a luta pela terra e ecologia. Nesta análise final traçou-se um paralelo histórico e social a partir do que foi evidenciado na observação dos selos. Este texto final busca, através dos temas escolhidos, concluir as observações levantadas anteriormente.